



PARABÉNS!

DIRETORIA DA ADUFRJ

Associação de docentes da Universidade Federal do Rio de Janeiro completa orgulhosamente 40 anos neste 26 de abril. Nascida na efervescência política provocada pela lei da anistia, a AdUFRJ-SSind participou das grandes lutas desde então: pela redemocratização, pela universidade pública gratuita e de qualidade, pela valorização da educação, por um país um pouco mais justo e menos desigual.

Infelizmente, nessa jovem maturidade, a comemoração não pode ser esfuziante. Estamos vivendo um momento de duros ataques ao conhecimento e à educação, assim como à liberdade de associação.

Entretanto, os mesmos tempos que demandam reserva e parcimônia também pedem afirmação e determinação, de modo que os 40 anos da maior associação de docentes do Brasil não podem passar em branco.

Nesse sentido, estamos celebrando nosso aniversário com uma pequena cerimônia em homenagem aos ex-diretores de nossa associação, mas também com ações que levam a nossa marca de fazer da AdUFRJ uma entidade moderna, engajada e acolhedora. Estamos renovando nosso **Boletim**, que vai ficar maior, mais denso e (ainda mais) informativo. Aproveitamos para

abrir nossas páginas e convidar todos os professores a escrever artigos e sugerir pautas. Desde esta edição, recuperamos a história da imprensa do sindicato e retomamos a numeração desde os primeiros jornais da Adufrj. Outra iniciativa recente que já dá resultado é o Observatório do Conhecimento. Lançado no começo de abril, ele é uma plataforma em formato de rede em defesa da educação superior pública e que já conta com mais de uma dezena de associações. Nas próximas semanas, vamos relançar também a campanha UFRJ SEMPRE que tanto sucesso fez nos campi.

Seguimos atuando pautados pela convicção de que unidos somos melhores e reafirmamos aqui que, sobretudo nesse momento delicado, todas e todos são bem vindos à AdUFRJ-SSind. O que nos une nessas quatro décadas de história é a defesa da universidade pública, da liberdade de cátedra e a certeza de que precisamos de uma AdUFRJ autônoma e comprometida com os ideais democráticos.

Enfim, gostaríamos de terminar dando os parabéns a tod@s @s associad@s. Os tempos estão difíceis, mas a verdade é que eles nunca foram fáceis, e cá estamos. Jamais nos esqueçamos disso.

Parabéns, AdUFRJ, e que venham mais 40 anos!



Artigo

MARIA LÚCIA TEIXEIRA WERNECK VIANNA
PROFESSORA DO IE/UFRJ E PRESIDENTE DA ADUFRJ

Por que comemorar?

Aparentemente, nada a comemorar. Tempos sombrios em que liberdades são ameaçadas, direitos são suprimidos, truculência e intolerância são enaltecidas, mediocridade e ignorância são exaltadas...

Nada a festejar, pois.

Mas comemorar não significa apenas festejar no sentido lúdico do termo. Significa também, segundo o velho Aurélio, trazer à memória (lembrar, recordar). Valorizar a memória é, naturalmente, atividade primordial na vida privada, como registra o canção popular. Recordar é viver, assegura um sambinha carnavalesco dos anos 1950.

É, porém, na esfera pública, na dimensão da vida na qual o coletivo se impõe, que a valorização da memória se torna um ícone, como o próprio presidente brasileiro pôde constatar ao visitar o Museu do Holocausto em Israel. A memória é um símbolo disputado e por isso mesmo, por vezes falsificada. O episódio ocorrido com o presidente, aliás, tem a serventia de justificar um necessário esclarecimento. A formulação original da ideia de que o esquecimento do passado compromete o entendimento do presente e a expectativa do futuro se deve a um filósofo de verdade e não a um astrólogo: Heródoto, que viveu na Grécia no século V a.C., e é considerado o “pai” da História.

A nossa História começa há 40 anos. 1979 não configura um passado remoto. No entanto, como mudaram os tempos de lá para cá! No Brasil, fechamos o ciclo da ditadura militar, criamos uma Constituição Cidadã, passamos por oito eleições gerais, quatro presidentes, dois vices e dois impeachments. A AdUFRJ surgiu em meio a um *boom* de associativismo. O regime militar pouco a pouco se desidratava. Associações docentes nas universidades ainda cerceadas, associações de bairros nas grandes cidades, associações profissionais representativas das mudanças ocorridas no mercado de trabalho... Enfim,

no rastro da movimentação sindical no ABC paulista, na época alcunhada de “novo sindicalismo”, a movimentação de setores das classes médias ganhou corpo.

Naquele momento, o regime militar estava em descenso. A bandeira fundamental era a conquista e o exercício da democracia. Hoje essa questão está de novo posta. Contra possíveis recuos. É de novo uma bandeira forte dos movimentos sociais. Neste sentido, reavivar a memória é importante na nossa atividade como entidade representativa dos professores. A História nos ensina. A vitória da democracia no Brasil se deveu a um processo de alianças bastante amplo. A luta democrática exige alianças. É incompatível com atitudes isolacionistas e sectárias. Não se faz movimento social em guetos.

Na tarde de 26 de abril de 2019, no Salão Pedro Calmon, vamos entregar uma placa comemorativa a todos os presidente que a Adufrj teve desde 1979. Isso é importante, pois essas pessoas estiveram à frente deste processo, de várias lutas, algumas mais exitosas que outras, naturalmente. A gente festeja e rememora.

Muitas questões permaneceram na pauta ao longo desses 40 anos, mudando um pouco de feição, como a defesa da liberdade de cátedra, das condições de trabalho, de salários, da carreira docente, dos recursos para a pesquisa. Isso sempre esteve e está presente.

Mas temos alguns desafios que são mais contextualizados e que têm a ver com o Brasil e o mundo de hoje. Um diz respeito à questão do conhecimento - afinal, a universidade é o locus de produção e transmissão do conhecimento. Atualmente, o rigor do informação está ameaçado por narrativas falaciosas, denominadas de *fake news*. Cabe a nós, como professores e ativistas sociais, resgatar a importância da precisão histórica e da natureza do saber formal. O tema do resgate da informação precisa é essencial quando estão na pauta questões que dependem do esclarecimento, como o enxugamen-



FERNANDO SOUZA

to do Censo Demográfico e a ausência de um diagnóstico que embase a Reforma da Previdência com racionalidade - do contrário, entramos numa lógica messiânica, religiosa, em que se acredita e ponto final.

O segundo desafio é o da ação coletiva. Há uma desmobilização grande no Brasil, não só na universidade. Um crescimento da postura individualista, o que dificulta a ação de sindicatos e associações. Paradoxalmente, o momento exige ações organizadas que se pautem por uma lógica republicana. Daí a importância de comemorarmos para remormos essas quatro décadas de um sindicalismo com a nossa cara. Somos professores e pesquisadores. Nosso campo de luta é a disputa de ideias. Nas ruas e nas salas de aula. Que esse aniversário nos fortaleça em nossa unidade e em nossa diversidade.

Artigo

LUIZ PINGUELLI ROSA
PROFESSOR DA COPPE/UFRJ, FUNDADOR E EX-PRESIDENTE DA ADUFRJ



FERNANDO SOUZA

Memórias de luta do primeiro presidente da Adufrj

- Nunca me esqueci daquela solenidade com os professores perseguidos pela ditadura.

Ouvi esta frase já em 2004, quando voltou ao Brasil, para participar do Congresso Brasileiro de Energia, o economista francês Jean Marie Martin, um conhecido especialista em energia. Ele tinha vindo naquela ocasião para um seminário na Área Interdisciplinar de Energia da Coppe e assistiu à solenidade. Era ainda a época da ditadura militar.

A primeira manifestação de grande repercussão, logo que fundamos a Associação dos Docentes da UFRJ (AdUFRJ), sob o governo dos militares, ocorreu no auditório do Centro de Tecnologia. Em um ato solene, demos o título de sócio da AdUFRJ a todos os professores afastados da UFRJ pela ditadura militar, especialmente pelo AI-5. Eram professores que nos davam orgulho. Coube-me ler seus nomes na solenidade em clima de grande emoção:

- Darcy Ribeiro, Maria Ieda Linhares, Eulália Lobo, José Leite Lopes, Jayme Tiomno, Manoel Maurício Albuquerque, Miriam Limoeiro, Sarah de Castro Barbosa.

Plínio Sussekind já tinha falecido, o citamos em memória.

O auditório estava lotado com muita gente em pé, talvez com mil pessoas. Conduzimos a cerimônia como uma solenidade de posse em uma academia científica. Cada convidado era chamado e homenageado, recebendo o diploma de sócio honorário da Adufrj, embora todos eles ainda estivessem excluídos da UFRJ, pois isso ocorreu antes da anistia. Toda a imprensa noticiou respeitosamente. Demos uma bofetada na ditadura com luva de pelica.

A luta de que participei na Sociedade Brasileira de Física e na SBPC contra o Acordo Nuclear levou-me a ser envolvido na construção do movimento dos docentes, no fim da década de 70 e início dos anos 80. Este movimento crescia em várias universidades pelo país afora, principalmente nas univer-



sidades públicas, alastrando-se também para algumas universidades privadas. Devo dar precedência à USP, onde havia uma antiga Associação dos Auxiliares de Ensino, da qual foi sucessora a Associação de Docentes (Adusp) criada em 1976, tendo como presidente e vice-presidente, respectivamente, nada menos do que o Modesto Carvalhosa e o Antonio Cândido de Mello e Souza.

O reitor Luiz Renato Caldas, que era um distinguido pesquisador do Instituto de Biofísica e tinha uma postura aberta, apesar de ter sido nomeado na época do regime militar, convocou a UFRJ para debater uma reforma da universidade. Um conjunto de professores, ao qual eu pertencia, se organizou em torno deste debate e criou uma comissão, que ao longo do processo se tornou a comissão pró-fundação da Associação de Docentes (AdUFRJ). As reuniões iniciais da comissão foram realizadas na Coppe. Desta comissão faziam parte Liana Cardoso do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Alexandre Magalhães da Silveira da Mate-

mática, eu e Antonio Paes de Carvalho da Biofísica, que se afastou quando a comissão se tornou pró-Adufrj

Houve um racha na fundação da Associação de Docentes, entre a comissão pró-AdUFRJ e o grupo liderado pelo professor Horácio Macedo, que veio a ser reitor da UFRJ. De uma maneira muito simplificada, nós podíamos ser identificados como próximos do que veio a ser o PT-light, enquanto o Horácio era mais próximo do Partidão. Nós, os do grupo que eu integrava, originado daquela comissão, ganhamos a hegemonia das primeiras diretorias da Associação dos Docentes da AdUFRJ, da qual fui o primeiro presidente em uma composição com grande parte da esquerda da UFRJ.

Passados 40 anos, a História me ensinou que essas divisões já não fazem nenhum sentido em nossa realidade. Agora, nossa divisão é entre a esquerda e a direita liderada pelo atual governo federal. E precisamos de uma AdUFRJ forte e comprometida para enfrentar os duros anos que virão.

40 ANOS EM FOTOS

A história da AdUFRJ se confunde com a história da democracia brasileira. Mais que uma entidade preocupada com questões corporativas, a associação docente apresentou desde cedo um forte caráter político.

Uma das primeiras atividades da associação, fundada em 1979, foi cobrar do governo a reintegração dos docentes afastados da UFRJ pelos atos institucionais da ditadura. “Foi uma grande ousadia”, lembra o primeiro presidente da AdUFRJ, professor Luiz Pinguelli Rosa.

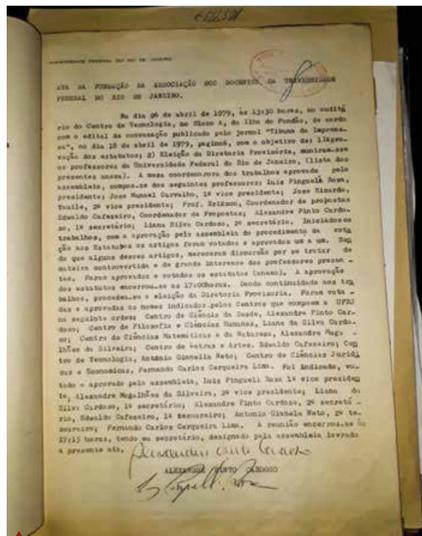
Ele conta que, enquanto presidente da Andes, entre 1982 e 1984, participou do comitê pelas Diretas Já ao lado de políticos e de representantes de outras organizações da sociedade civil, como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e a Associação Brasileira de Imprensa (ABI). “O movimento docente teve

muita importância para uma universidade orgulhosa de si”, observa.

O professor Ericksson Almendra, presidente na gestão 1981/1983, frisa que a criação da AdUFRJ provocou uma maior integração entre unidades e centros da UFRJ: “Hoje pode parecer algo menor ou apolítico, mas esse processo começou com a entidade”, diz. “Era algo absolutamente inovador naquela ocasião um engenheiro sentar ao lado de um filósofo ou sociólogo”, completa.

Ao longo de 40 anos, a AdUFRJ e o movimento docente colecionaram lutas e conquistas. Para Ericksson, uma das vitórias mais significativas do período foi a criação do regime de dedicação exclusiva: “O movimento pelo professor em tempo integral marcou a universidade”.

Confira, nas páginas desta edição, algumas imagens da trajetória dos 40 anos de resistência da AdUFRJ.



1979, ATA DE CRIAÇÃO DA AdUFRJ



1989, Cidade Universitária, Fundão: Nova direção
Cerimônia de posse dos nove diretores da AdUFRJ. Da dir. para esq.: Henrique Longo, Cibeli Reynaud, Roberto Leher, Índia Maria Borba, Filadelfo Cardoso Santos, Leticia Legay Vermelho, José Augusto Buarque



1991 Largo de São Francisco de Paula: Aula na praça
Professores realizam aulas públicas como atividade de greve contra as medidas econômicas do governo de Fernando Collor de Mello. Protesto ocorreu em frente ao prédio do IFCS/1H, no centro do Rio



1979 Auditório do CT: Homenagem aos professores afastados pela ditadura
Associação docente organizou solenidade para homenagear os professores afastados da UFRJ por atos institucionais do regime militar. Todos receberam um título de sócio honorário da entidade



1983 Escadaria da Câmara Municipal: Salários na mira
Docentes da UFRJ se unem aos demais servidores públicos federais em campanha salarial unificada e protestam contra os baixos salários na Cinelândia, no Centro do Rio. No primeiro plano da foto, aparecem os professores Joel Teodósio, Selene de Oliveira e Moacyr Jr., integrantes da terceira diretoria eleita para dirigir a AdUFRJ, de 1983 a 1985.



1996, Largo de São Francisco de Paula: Abraço de greve. Corrente de professores envolve o prédio do IFCS em ato simbólico de defesa da universidade pública. No primeiro plano, da esquerda para a direita (de olhos), Ruth Barbosa, Henrique Longo, Roberto Leher e José Henrique Sanglard. Manifestação também protestou contra chacina de Eldorado dos Carajás, onde 19 sem-terra foram assassinados



1984, Centro do Rio de Janeiro: Diretas Já!
Após participarem das mobilizações que derrubaram a ditadura, os professores da UFRJ atuaram nas campanhas pelas eleições diretas para presidente da república e por mais verbas para a educação pública



1985, Centro de Tecnologia: Posse da diretoria
Integrantes da gestão anterior dividem a mesa com novos diretores. Alguns nomes: Joel Teodósio, Helio de Mattos Alves, Cinda Gonda, Moacyr Barreto, Aloisio da Costa, Tomaz Pinheiro, Fernando Amorim, Selene Alves e o reitor Horácio Macedo



1986, Fundão: Assembleia geral
Mobilização nacional das universidades reivindica isonomia salarial e carreira unificada. Na primeira fileira, professor Alexandre Cardoso (à esquerda) e professor Horácio Macedo, primeiro reitor eleito da UFRJ



1999, Clube Ginástico Português: Grande Baile
Festa de comemoração pelos 20 anos da AdUFRJ leva à pista de dança professoras e professores ao som da banda Cuba Libre



1997, Centro do Rio de Janeiro: Educar é libertar
Professores e estudantes da UFRJ fazem homenagem a um dos maiores educadores brasileiros, o pernambucano Paulo Freire. O teólogo Leonardo Boff (ao centro) também participou do evento, na escadaria do IFCS



1998, Sala dos Conselhos: Não à intervenção na UFRJ!
Minerva chora durante ato de repúdio à nomeação do interventor José Henrique Villhena. O então deputado estadual Chico Alencar defende o respeito ao resultado da eleição para reitor e a nomeação do nome escolhido pela comunidade acadêmica, professor Aloisio Teixeira





GUILHERME LESSA

MANUELLA SOARES

2001, Cinelândia, Centro do Rio de Janeiro: Universidade na Praça
 Ciranda com professores, técnicos e estudantes da UFRJ, UFF e UniRio encerra manifestação contra o governo Fernando Henrique. Movimento cobrava abertura de concursos pelo Regime Jurídico Único e protestava contra a falta de reajuste salarial nos últimos 7 anos, entre outros pontos



DANIEL TIRIBA

2002, auditório do NCE: Em defesa da autonomia universitária
 Em reunião da Andifes realizada na UFRJ, Adufrj protesta contra a lei que submete as procuradorias das instituições à Advocacia-Geral da União e contra a proposta da própria Andifes de regulamentar a autonomia das universidades. Em primeiro plano, a professora Cleusa Santos



DANIEL TIRIBA



2007, Cidade Universitária, Fundão: Candidato único
 Diretoria da AdUFRJ se encontra com único candidato à (re)eleição para a reitoria da UFRJ. Na imagem, professores Vera Salim, reitor Aloisio Teixeira, Ricardo Kubrusly e José Simões

DANIEL TIRIBA



2008, Praia Vermelha: Fundações em debate
 Desembargadora Salette Macalóz participa de debate promovido pela AdUFRJ sobre Fundações Universitárias



SAMUEL TOSTA

2010, campus da Praia Vermelha: Movimento pela retomada do Canecão.
 Velha Guarda da Portela encerrou ato-show realizado pela AdUFRJ e centros acadêmicos. Objetivo foi apoiar UFRJ na recuperação do terreno ocupado irregularmente pela casa de espetáculos, além de transformá-la em um espaço cultural público



SAMUEL TOSTA

2013, Largo de São Francisco: Jornadas de junho
 Professores, técnicos e estudantes protestam contra repressão nas manifestações de rua. Na imagem, da esquerda para a direita, Tadeu Lemos (DCE Mário Prata), Francisco de Assis (Sintufrj), professor Marco Aurélio Santana (diretor do IFCS) e Cláudio Ribeiro (AdUFRJ)

FERNANDO SOUZA



2018, Salão Pedro Calmon
 Atual diretoria: da esq. para a dir., os professores Fernando Duda, Ligia Bahia, Eduardo Raupp, Maria Lúcia Werneck, Maria Paula, Tatiana Sampaio e Felipe Rosa

2016, Cinelândia, Centro do Rio de Janeiro: Praça do Conhecimento
 Atividade da AdUFRJ contra a PEC do Teto dos Gastos dialoga com a população sobre a importância de investimentos em Educação e C&T

2019, Cidade Universitária, Fundão: Eles são os primeiros
 Virou outdoor a foto coletiva dos estudantes que são os primeiros da família a estudar em uma universidade pública. Ação da Campanha #UFRJSEMPRE, promovida pela AdUFRJ



FERNANDO SOUZA



ACERVO ADUFRJ

2012, Centro do Rio: Por melhores condições de trabalho
 Movimento docente parou as universidades por reestruturação da carreira e melhores condições de trabalho. Criatividade, que estampou camisas dos docentes, foi uma das marcas da mobilização na UFRJ

FERNANDO SOUZA



2015, Novas formas de luta
 Professores Carlos Frederico Leão Rocha e Tatiana Roque assumem a diretoria da AdUFRJ com promessa de renovar as formas de luta

PEDRO LENEHR



2017, Brasília: Combate aos cortes na Ciência e Educação
 AdUFRJ liderou movimento contra PEC dos Gastos e mostrou grave redução do orçamento das universidades e de Ciência e Tecnologia

FERNANDO SOUZA



CEMEMORE COM A GENTE

Vamos celebrar os **40 anos da AdUFRJ** no dia 26 de abril, sexta-feira, 16h, no Campus da Praia Vermelha, no Salão Pedro Calmon e no Átrio do Palácio Universitário. Durante o evento, homenagearemos aos ex-presidentes e ex-diretores da AdUFRJ.

PARTICIPE!
Sua presença é muito importante para nossa História.

40 ANOS
1979-2019

AdUFRJ

BELINI, UM PATRIMÔNIO DE DEDICAÇÃO À AdUFRJ

■ “Trinta e sete anos de trabalho em um lugar só. História é o que não falta”, diz Belini Souza, o funcionário mais antigo em atividade na associação docente da UFRJ. Dono de uma voz grave bastante conhecida entre os associados, o secretário recorda que foi convidado a falar no carro de som, durante uma manifestação da categoria. O objetivo era convocar os professores para a mobilização. “O rapaz do carro de som por algum motivo não compareceu. Daí disseram: você tem uma voz boa, vamos lá, vai dar certo! E

eu comecei a chamar o pessoal aqui (no Fundão), na Praia Vermelha e tudo mais”. Belini atende os professores da universidade, ao vivo ou por telefone, desde 1º de abril de 1982. Para ele, a entidade pode ser carinhosamente chamada de “consultório sentimental”: “Os professores vêm aqui, sentam e desabafam com a gente”, argumenta. Do fundo da memória, o secretário cita os responsáveis por sua contratação: os ex-diretores Ericksson Almendra e Eliane Falcão. “Eles é que são os culpados de eu

estar aqui até hoje”, brinca. Da época em que foi contratado, Belini recorda de uma estrutura bem mais simples. O trabalho ainda funcionava com auxílio de mimeógrafo. O público da universidade também era outro. “Quando eu entrei aqui, era difícil você ver um professor negro. E hoje você tem. Era difícil ver um aluno negro também. Hoje você tem alunos negros. Isso é bom. Isso é ótimo”, exemplifica. “Acho que esse negócio de cotas deu uma oportunidade boa para o pessoal chegar aqui”. **(Elisa Monteiro)**



ALESSANDRO COSTA